Para acabar com 40 anos de lefebvrismo

Quarenta anos. Faz exatamente quarenta anos que o Arcebispo Lefebvre publicou sua famosa declaração de 21 de novembro de 1974[1]. Em Itinéraires, Jean Madiran chegou a escrever que se tratava de "a carta da Igreja Militante".

Trata-se, de fato, do principal ato fundador do lefebvrismo, e todos aqueles que se dizem seguidores do fundador de Ecône ainda hoje a endossam plenamente. É o caso de Suresnes e Menzingen, que comemoraram o quadragésimo aniversário desta declaração, compartilhando-a nos sites La Porte Latine e Dici. Os dissidentes anti-felay da União Sacerdotal Marcel Lefebvre (USML) também afirmam abertamente fazer parte desta declaração. O Padre Bruno, coordenador nacional da USML, publicou este mesmo texto no site oficial da União, *Faithful France*, e escreveu que "este magnífico texto é a carta da nossa luta. (...) Fazemos (esta declaração) nossa."

[1] Este artigo foi escrito em 2014.

À primeira vista, pode-se ficar surpreso: como é possível que irmãos inimigos, com visões diametralmente opostas sobre o princípio de um acordo com a "Roma modernista", possam reivindicar, com o mesmo entusiasmo e bela unanimidade, a declaração de 21 de novembro de 1974?

A resposta é simples: é porque, nesta declaração, no documento do fundador do lefebvrismo, encontramos resumida e concentrada toda a incoerência fundamental do movimento e do pensamento lefebvrista.

Nesse documento, o Arcebispo Lefebvre reconhece em Paulo VI e em seus contemporâneos no Vaticano tanto a Roma modernista (à qual se deve desobedecer) quanto a Roma eterna (à qual se deve ser fiel).

De fato, essa afirmação não pode ser entendida de outra forma, pois aqueles que pensavam e diziam que a Roma modernista não era de forma alguma a Roma eterna e que, portanto, era ilegítima, herética, apóstata e sem qualquer autoridade foram sistematicamente expulsos da FSSPX. Isso ainda se aplica hoje, pois a expulsão de todos os padres ou seminaristas condenados por sedevacantismo rapidamente se tornou um esporte nacional (e até internacional) dentro da Fraternidade.

Além disso, nesta declaração, que mentes superficiais e falsas consideram magnífica, embora seja teologicamente nula e absurda, inteiramente à imagem de seu autor, Dom Lefebvre reconhece publicamente a autoridade de Paulo VI, a quem descreve como "Santo Padre", "Sumo Pontífice" e "Sucessor de Pedro". Três vezes nesta declaração, o fundador da FSSPX reconhece publicamente Montini como o Vigário de Cristo. Chapéus à parte!

Pior ainda (se assim se pode dizer), neste texto, Dom Lefebvre introduz o princípio do livre exame protestante, que consiste em examinar as palavras e ações daquele que ele reconhece como sucessor de Pedro: "se uma certa contradição aparece em suas palavras e ações (as de Paulo VI, por ele reconhecido como papa) bem como nas ações dos dicastérios, então escolhemos o que sempre foi ensinado e fazemos ouvidos moucos às inovações destrutivas da Igreja."

Em outras palavras, o Arcebispo Lefebvre se estabelece como um magistério paralelo, ao mesmo tempo em que reconhece a autoridade de Paulo VI.

Cabe agora a ele classificar (em nome de qual autoridade? De qual infalibilidade? De qual legitimidade?) o que é católico, o que é aceitável, o que está em conformidade com a Tradição e o que não está nas palavras e ações daqueles que ele reconhece como vigários de Cristo.

Esta é uma afirmação exorbitante, pois quem é o garante infalível da Tradição senão o Magistério, senão o Papa, que é, recordemos, a regra viva e imediata da fé? Cabe ao Papa dizer com autoridade o que está em conformidade com a Tradição e o que não está, o que é católico e o que não é. Se alguém pensa e age de outra forma, deixa de ser católico.

Onde está Pedro, lá está a Igreja.

Vemos, então, que o lefebvrismo ataca os próprios fundamentos da Igreja, vicia o ato de fé. Pois, se cremos nas verdades da fé (objeto da revelação), é porque Deus as revelou (autor da revelação) e a Igreja as ensina a nós (regra de fé).

A Igreja, portanto, goza de infalibilidade doutrinária.

Adotar o discurso lefebvrista nada mais é do que atacar a rocha sobre a qual a Igreja se apoia.

Os tradicionalistas devem ser realmente relativistas e completamente desinteressados em questões doutrinárias para ter constantemente São Marcelo em seus lábios aqui, São Marcelo ali (lembremos, aliás, que o Bispo Williamson fundou uma iniciativa de São Marcelo, que o Padre Philippe Laguérie, que foi expulso da FSSPX em 2004 e a quem Suresnes enviou guardas e cães para expulsá-lo do priorado de Bruges, fundou um culto a São Marcelo, que seus apoiadores administravam um site chamado *Fraternité Canal Historique* (Fraternidade Histórica do Canal), e que aqueles que hoje cercam Richard Williamson estão agrupados na União Sacerdotal Marcel Lefebvre.

Como se ele já fosse um santo canonizado pela Santa Igreja! Até o Padre Abrahamowicz criou uma Domus Marcel Lefebvre na Itália. (Realmente não podemos escapar disso!)

Como eu, como confidenciou um velho padre sedevacantista em tom de brincadeira, não devemos esperar muito dos padres que estão deixando a FSSPX hoje (ou que foram expulsos dela), porque depois de passar 10, 20, 30 ou 40 anos em uma fossa séptica, é normal que cheirem mal!

Ou, como me disse uma mulher na vanguarda da luta ultra-sedevacantista (adoro isso!) por meio século: "que bem você esperava que saísse de uma fonte envenenada como Lefebvre?" É difícil discordar dela. Já escrevemos isso muitas vezes: o Arcebispo Lefebvre é como o Bazar do Hôtel de Ville em Paris: você encontra de tudo lá... e o seu oposto!

É por isso que, nas atuais divisões da FSSPX e suas comunidades amigas, as pessoas trocam declarações contraditórias do Arcebispo Lefebvre, mas todas perfeitamente autênticas, para justificar sua posição.

Cada um se apresenta assim como um autêntico discípulo do falecido fundador da FSSPX, como guardião da Ordem Lefebvriana do Templo, sem nunca se perguntar se essas divisões fratricidas não se originam precisamente das incoerências, da procrastinação e, sejamos francos, da duplicidade do Arcebispo Lefebvre, cujo o mínimo que podemos dizer é que ele não é um modelo de invariância.

Em abril de 2012, os bispos da FSSPX trocaram cartas duras e cruéis, contendo citações contraditórias, mas autênticas, do Arcebispo Lefebvre. Os acordistas destacam as inúmeras declarações e posições do fundador de Ecône a favor dos acordos com os ocupantes do Vaticano; os anti-acordistas destacam as igualmente numerosas declarações do próprio Arcebispo Lefebvre contra os acordos. Mas todos permanecem incondicionalmente lefebvristas, sem questionamentos! Não é maravilhoso?

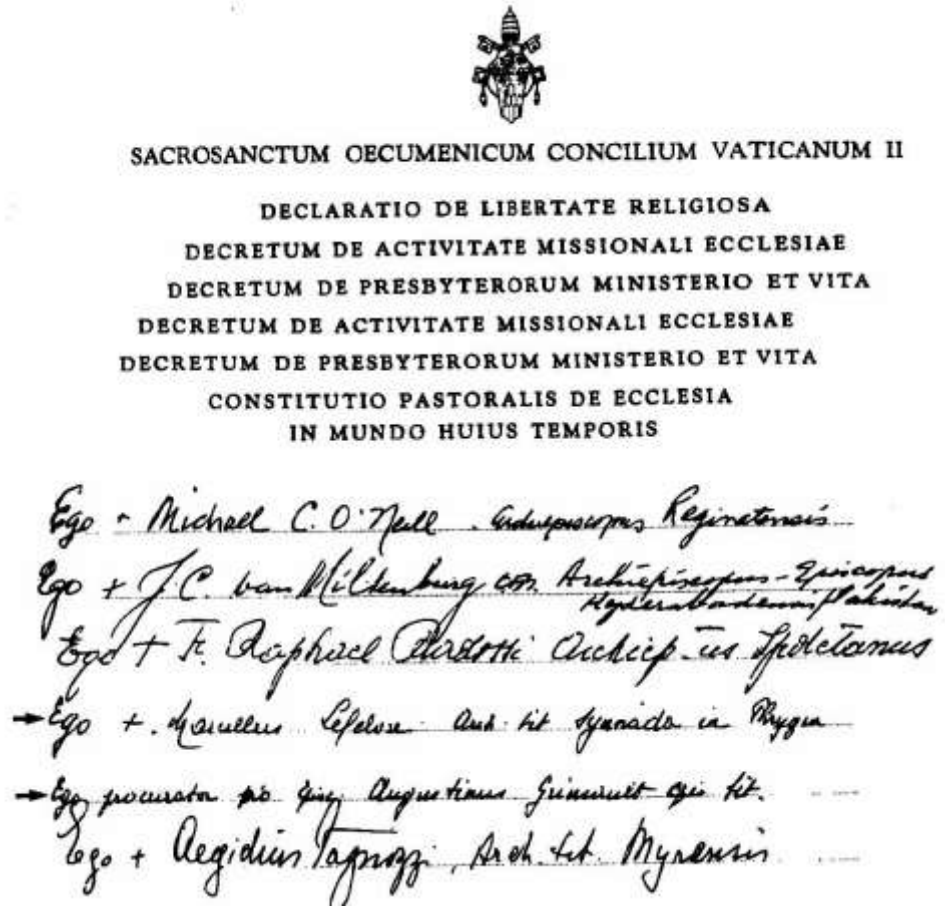
Se o Arcebispo Lefebvre disse tudo e o seu oposto, é porque não ousou cruzar o Rubicão.

Por temperamento diplomático, liberal e consensual, por covardia, por medo das consequências, enfim, por razões essencialmente mundanas.

Mas não há nada pior do que aqueles que não levam a sua luta até ao fim. Deus vomita os mornos. A tibieza já é uma forma de traição, talvez a pior que existe.

É preciso lembrar que o Arcebispo Lefebvre reagiu muito tarde à revolução na Igreja.

Assim, recusou-se a assinar o Breve Exame Crítico dos Cardeais Ottaviani e Bacci (aliás, o texto havia sido escrito pelo Padre Guérard des Lauriers, muito mais doutrinal do que o fundador da FSSPX, mesmo que sua tese não nos convença em nada!), assinou todos os textos do Vaticano II, contrariamente ao que havia dito falsamente afirmada durante anos (foi somente com a biografia do Bispo Tissier de Mallerais que essa lenda foi dissipada) e ele solicitou (e obteve) as autorizações necessárias das autoridades (pseudo)conciliares para a criação da Sociedade e do seminário em 1970.



SACROSANCTUM OECUMENICUM CONCILIUM VATICANUM II

DECLARATIO DE LIBERTATE RELIGIOSA
DECRETUM DE ACTIVITATE MISSIONALI ECCLESIAE
DECRETUM DE PRESBYTERORUM MINISTERIO ET VITA
DECRETUM DE ACTIVITATE MISSIONALI ECCLESIAE
DECRETUM DE PRESBYTERORUM MINISTERIO ET VITA
CONSTITUTIO PASTORALIS DE ECCLESIA
IN MUNDO HUIUS TEMPORIS

O Arcebispo Lefebvre não era, portanto, um rompedor de barragens, um valente lutador pela fé. Onde precisávamos de um atleta da fé, tínhamos um diplomata. Onde precisávamos de um confessor da fé, tínhamos um prelado pragmático e aventureiro. Onde precisávamos de um incansável matador de heresias e apostasias, tínhamos um político tentando negociar um lugar dentro da Igreja conciliar.

Onde seria necessário formar almas ardentes, almas ardentes, prontas para qualquer sacrifício, qualquer perseguição, tinhamos apenas covardes apaixonados por Monsenhor (Monsenhor disse, Monsenhor fez, Monsenhor pensa...) foram promovidos hipócritas, homens sem substância, sem convicção, sem espinha dorsal, Lorans, Schmidbergers, Simoulins, Bouchacourts, de La Rocques, dignos herdeiros do falecido Coronel de La Rocques, conhecido por sua moderação e legalismo estrito em relação à Terceira República Maçônica, Fellays que, na vida civil, não poderiam ter esperado nada melhor do que ser um gerente de departamento na Migros!

Se todas essas pessoas não estivessem cegas pelo culto sectário que dedicam a um mero bispo sem jurisdição, e se fossem minimamente capazes de pensamento crítico, de manter distância crítica de seu mentor, teriam compreendido que as repetidas crises da FSSPX nos últimos quarenta anos não têm outra origem senão as inconsistências doutrinárias de Dom Lefebvre, sua versatilidade.

Dependendo de seus interesses na época, de seus interlocutores, de seus ouvintes, ele era capaz de dizer tudo e qualquer coisa. Mesmo dentro do mesmo discurso, da mesma homilia.

Seria instrutivo escrever um livro sobre as contradições permanentes do ex-arcebispo de Dacar. Na página da direita, colocaríamos as declarações de ruptura com o modernismo e o Vaticano, e na da esquerda, aquelas a favor de um acordo prático. O resultado seria edificante.

E é falso dizer que essas contradições foram meramente o resultado de um "atraso na ignição", da obscuridade da situação, e que elas se dissiparam gradualmente, com o tempo ajudando-o a ver mais claramente.

Em setembro de 1987, ele declarou que Roma estava em apostasia, que todas essas pessoas deixaram ou estão deixando a Igreja, que não se pode colaborar com elas, mesmo que nomeiem um bispo, mesmo que levantem as sanções contra a FSSPX.

E quase imediatamente após essa declaração aparentemente muito firme, ele se envolveu em discussões com o Vaticano que resultaram na assinatura do memorando de entendimento em 5 de maio de 1988. Isso não é menos lamentável do que o protocolo assinado 24 anos depois pelo Bispo Fellay.

Em ambas as declarações, o novo código de direito canônico de 1983, a validade da nova Missa e de todos os novos sacramentos, a autoridade do ocupante da Sé de Pedro e até mesmo o Vaticano II são explicitamente reconhecidos e aprovados.

O documento assinado pelo Arcebispo Lefebvre afirma: "Declaramos que aceitamos a doutrina contida no número 25 da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* do Concílio Vaticano II sobre o Magistério Eclesiástico e a adesão a ela."

A declaração do Arcebispo Fellay diz: "O Concílio Vaticano II, por sua vez, esclarece — isto é, aprofunda e esclarece ainda mais — certos aspectos da vida e da doutrina da Igreja, implicitamente presentes nela ou ainda não formulados conceitualmente."

O Arcebispo Lefebvre certamente retirou sua assinatura no dia seguinte (6 de maio de 1988), mas, como o Arcebispo Fellay depois dele, nunca se retratou verdadeiramente da substância do preâmbulo.

Ele chegou a fazer várias declarações subsequentes nas quais afirmou que este preâmbulo não era verdadeiramente ruim ou inaceitável, caso contrário, não o teria assinado.

O que, em última análise, impediu o acordo na época foi a falta de confiança em seus interlocutores romanos, e não na doutrina, na fé ou em princípios intangíveis.

O desacordo surgiu em relação à composição dos membros da comissão romana responsável pela "tradição" e devido às dúvidas do Arcebispo Lefebvre sobre a disposição de seus interlocutores em lhe conceder um bispo da FSSPX para garantir a sobrevivência de sua obra.

Para justificar ter, no entanto, prosseguido com o ato de consagrar bispos sem mandato papal, reconhecendo publicamente a autoridade de João Paulo II e afirmando estar em comunhão com ele no cânone da Missa, isto é, na parte mais importante, mais sagrada do Santo Sacrifício, e embora um ano antes tivesse confidenciado em uma entrevista com Michel Reboul em *Monde et vie* que, se consagrasse bispos sem mandato papal, seria cismático, Dom Lefebvre usou um argumento lamentável, digno de sua personalidade: "as tendas estão alugadas", "o povo pagou pelo hotel", enfim, não há como voltar atrás.

No dia das consagrações, em sua homilia, o Arcebispo Lefebvre havia solicitado que estas famosas palavras de São Paulo fossem gravadas em seu túmulo: "*Tradidi quod et accepi*". Transmiti o que recebi. Seus discípulos obviamente obedeceram à sua recomendação. E seus seguidores ainda hoje se deleitam com essa declaração.

No entanto, isso também é uma impostura: onde o Arcebispo Lefebvre aprendeu que um concílio ecumênico promulgado por um verdadeiro papa poderia ser falível e apenas pastoral?

Onde ele leu que bispos poderiam ser consagrados contra a vontade explícita e pública daquele reconhecido como vigário de Cristo?

Onde ele aprendeu que o magistério ordinário e universal da Igreja não era necessariamente infalível, ou que, para que assim fosse, era necessário consenso não apenas no espaço, mas também no tempo?

Onde ele aprendeu que se poderia manter um seminário, formar e ordenar padres contra a ordem formal da autoridade que se considera legítima?

Onde ele aprendeu que se pode conferir o sacramento da Confirmação em qualquer diocese do mundo sem sequer se referir àqueles reconhecidos como bispos residenciais legítimos?

Onde ele aprendeu que se pode chamar católico e desobedecer em tudo àquele que é publicamente reconhecido como Vigário de Cristo?

Em qual manual de teologia católica ele aprendeu que canonizações realizadas por um verdadeiro papa podem não ser infalíveis, que uma missa, um código de direito canônico, um catecismo, um ritual de sacramentos promulgado pelo Papa para a Igreja universal podem ser prejudiciais e perigosos para a fé?

Onde ele aprendeu que se pode expulsar para sempre da sua chamada fraternidade, sem qualquer hesitação, padres e diáconos que ordenou pela única razão de que, em consciência, eles não podem alegar estar em comunhão com o cânone da missa com ocupantes da Sé de Pedro que estão destruindo a Igreja?

Onde ele aprendeu que era possível jogá-los na rua sem qualquer remorso, sem qualquer preocupação com sua sobrevivência, sua previdência social, sua miséria, seu abandono?

Nisso, aliás, o Bispo Fellay é um digno herdeiro do Arcebispo Lefebvre.

E é este miserável homem que é apresentado como um santo, como um herói e atleta da fé, como o salvador da Igreja e da Tradição. Ao mesmo tempo em que ele era o seu mais formidável e eficaz coveiro.

Como escreveu o falecido Padre Barbara de forma dura, mas precisa: depois de João XXIII, Paulo VI e João Paulo II (e, poderíamos acrescentar hoje, Bento XVI e Francisco), o Arcebispo Lefebvre foi um dos principais destruidores da Igreja Militante, o adversário mais formidável do sedevacantismo e, portanto, da verdade católica.

Quantos padres e leigos me disseram que teriam se tornado sedevacantistas sem o Arcebispo Lefebvre, em quem depositaram, erroneamente, sua total confiança?

Este histórico desastroso certamente não é motivo de orgulho.

Toda vez que uma escolha crucial precisava ser feita, Lefebvre fazia a escolha errada: sobre a validade da Missa e dos novos sacramentos, sobre a autoridade dos ocupantes ilegítimos da Sé de Pedro, sobre a aceitação da liturgia e do breviário de João XXIII, sobre a escolha de homens para cargos-chave.

A Fraternidade São Pio X é um pouco como o Partido Comunista de seu apogeu. É preciso seguir incondicionalmente a linha do partido, mesmo quando ela muda (e muda com frequência). Se não obedecer, será impiedosamente expulso.

Escrever a história da Fraternidade nos últimos quarenta anos é escrever a história de seus expurgos, de suas exclusões.

Portanto, não é de surpreender que todo esse ambiente seja cada vez menos crível nos planos humano, intelectual e doutrinário. Um edifício assim construído sobre areia não pode dar bons frutos. O que mantém a FSSPX viva é a força de sua estrutura e a tirania de sua liderança. Portanto, ela ainda pode perdurar por algum tempo: afinal, os próprios partidos políticos, apesar de suas traições, seus crimes e os múltiplos escândalos que os mancham, permanecem vivos e bem por décadas.

Mas se a estrutura permanecer legalmente intacta, pode-se perguntar: o que restará do lefebvrismo em vinte ou trinta anos, uma vez que a FSSPX e suas comunidades amigas tenham sido completamente absorvidas pela Igreja conciliar, quando serão os falsos prelados conciliares que conferirão ordenações e confirmações? Provavelmente nada.

Ou muito pouco. O Arcebispo Lefebvre não terá salvo absolutamente nada. Nem mesmo a Missa, já que amanhã serão "bispos" conciliares inválidos que realizarão as ordenações dentro da FSSPX.

E mesmo que usem o rito tradicional, isso não terá efeito, visto que esses "bispos" conciliares não são padres nem bispos, pois foram ordenados e consagrados no âmbito do novo ritual de ordenação e consagração de Montini, de 18 de junho de 1968.

Um certo número de padres de base não está em sintonia com a política atual de Menzingen, mas a seguem mesmo assim porque não sabem para onde ir. Estão perdidos, e a coragem não é sua principal virtude. É preciso dizer que, com tal fundador, eles estavam, eu ouso dizer, em uma boa escola.

E o que dizer dos quatro bispos, cada um mais lamentável que o anterior, incluindo Richard Williamson, que dá o maior crédito às aparições pseudomarianas a um membro esclarecido da FSSPX e que multiplica em seu Kyrie eleison os ataques estúpidos e absurdos contra o sedevacantismo, mostrando assim mais uma vez que se comprometer com ele é um beco sem saída.

O Arcebispo Lefebvre, é claro, escolheu bem seus bispos. Eles são e morrerão lefebvristas, diga-se de passagem, mesmo que se odeiem!

Quanto aos padres hostis à política de Menzingen, preferem submeter-se ao terror a suportar os falsos julgamentos que o Padre Pinaud ou o Padre Salenave experimentaram.

Como nos julgamentos stalinistas, a parte "culpada" teve que reconhecer sua culpa e pedir perdão ao tirano de Menzingen, ao associado do empresário bilionário e sionista Maximiliano Krah. Eles não tentam convencer os acusados de que estão enganados, de que estão doutrinariamente errados, de que estão em erro. Não, eles devem confessar sua culpa, pedir perdão publicamente ao grande timoneiro, prometer não fazê-lo novamente e obedecer à linha do partido em todos os sentidos.

Foi assim que o Arcebispo Lefebvre procedeu em sua época: recusou-se a se encontrar com aqueles que o haviam abandonado ou que ele havia excluído antes que se arrependessem e pedissem seu perdão.

O Padre Seuillot, por exemplo, nos contou que foi assim que o Arcebispo Lefebvre procedeu em seu caso. Como resultado, a entrevista nunca aconteceu.

Com o Padre Zins, é ainda pior: ele o induziu a acreditar que concordaria em encontrá-lo; o Padre Zins, sem um tostão, viajou muito para vê-lo e, por fim, combinou de nunca encontrá-lo, fazendo-o esperar por muito tempo.

Mas, tirando isso, Marcel Lefebvre é certamente um santo no céu!

Deve-se notar também que, na chamada Fraternidade, os métodos são os mesmos, tanto à esquerda quanto à direita: o Padre Aulagnier foi destituído sem cerimônia em 2003 (por um simples fax — é difícil ir além em secura administrativa) por ter aprovado os Acordos de Campos.

Isso é ainda mais irônico, visto que foi Menzingen quem pediu aos padres de Campos que se sentassem ao seu lado na mesa de negociações com o Vaticano em 2000-2001.

E todos sabem hoje que o Bispo Fellay já estava trabalhando no acordo que o Padre Aulagnier sinceramente desejava firmar com o Vaticano. Mas Paul Aulagnier simplesmente cometeu o erro de se declarar cedo demais, e abertamente, um apoiador do acordo.

O Bispo Fellay, por sua vez, queria atingir o mesmo objetivo por meio de astúcia, mentiras e duplicidade. Daí a orquestração de um discurso duplo por quinze anos: um discurso *ad intra* contra os acordos em suas homilias, suas conferências, no Cor Unum. E um discurso *ad extra* (notadamente através de seu canal discreto e eficaz, o GREC) em favor de uma reaproximação e um acordo com a "Roma modernista".

É difícil ir mais longe nessa manipulação.

Naturalmente, por muitos anos, as tropas lefebvristas não viam nada de errado nisso. E agora que Fellay se livrou do Bispo Williamson, dos dominicanos de Avrillé, dos beneditinos de Nova Friburgo e dos padres mais agitados contra qualquer perspectiva de acordo, tudo indica que a FSSPX se unirá à seita conciliar nos próximos meses, ou mais provavelmente, nos próximos anos.

Como podemos ver, a Fraternidade São Pio X historicamente serviu apenas para canalizar e neutralizar a resistência católica ao Vaticano II e às reformas detestáveis que dele resultaram. Assim como a Frente Nacional conseguiu neutralizar a resistência francesa ao globalismo e à destruição da França. É preciso ter um cérebro de beija-flor para não perceber.

Então, o que devem fazer aqueles que desejam permanecer plenamente católicos na escuridão atual?

Rezar, santificar-se, manter a fé em toda a sua integridade, enxergar claramente a heresia modernista e a impostura do lefebvrismo.

Em suma, a Igreja conciliar não é a Igreja Católica, os ocupantes da Sede de Pedro desde João XXIII não são os vigários de Cristo, o Arcebispo Lefebvre não é o salvador da tradição, mas seu coveiro.

Todo o resto é bobagem.

[2]

Petrus

[2] Fontes: http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=763663
https://sedevacantisme.over-blog.com/article-pour-en-finir-avec-40-ans-de-lefebvrisme-125058327.html